

Liminar

Esta edição é dedicada a Antonio Candido em seus 80 anos.

Raul Antelo

Este número da *Revista Brasileira de Literatura Comparada* pretende ser um entressigno, um sinal entre dois tempos, situado além do universal e após o sujeito. Prosseguindo o debate de indeliberada homenagem ao *Fiat modes, pereat ars*, de Max Ernst, estampado em *Declínio da Arte/Ascensão da Cultura* (Florianópolis, março de 1997), e ao mesmo tempo preparando o VI Congresso da ABRALIC, cujo mote, com prudência interrogativa que equipara comparatismo a estudos culturais, há de encerrar a gestão catarinense desta associação, a *Revista Brasileira de Literatura Comparada* reúne, em seu número 4, variados materiais para esse debate. Em suas diferenças e tensões, eles revelam que, como sabemos, nos últimos cinqüenta anos, o modelo dos estudos literários descansou na oposição entre o cânone e seu outro, a cultura popular. O *dictum* de um crítico de arte, Clement Greenberg, pode aliás sintetizá-lo: vanguarda ou kitsch? Porém, as guerras teóricas dos anos 80 mudaram, radicalmente, o panorama. Com as abordagens desconstrutivas e pós-estruturais, isto é, com o tópico da “morte da literatura”, as oposições entre alta e baixa cultura, ruptura e permanência, centro e periferia tornam-se insustentáveis. As guerras teóricas recentes mostram que, em última análise, a literatura comparada é a teoria da guerra e que, ao mudar o cenário e o objeto das lutas (não mais o indivíduo, não mais o valor, não mais a disciplina, não mais a nação) o específico da literatura comparada, nos dias de hoje, é sua passagem ao ato, sua dissolução, sua transgressão, seu movimento ao exterior de si.

Não é fortuito que comparatismo e guerra se vejam assim associados. A dimensão universal, central ao comparatismo, só se consolidada, de fato, *manu militari*, no início do século XX. Porém, esse movi-

mento de reorganização dos mapas geopolíticos e acadêmicos trouxe consigo uma nova definição do objeto. A arte passa a perseguir uma beleza de choque, convulsiva, que, não raro, se apropria de elementos primitivos para aprofundar a percepção e aguçar a sensibilidade. Uma vez alcançado, o conceito de universal muda conseqüentemente. A estética *dadá* se assumirá como detentora de muitas nacionalidades simultâneas ao passo que o surrealismo associará suas intervenções ao universal particularizado (o estalinismo) ou ao universal em transformação constante (o trotskismo). Todavia, após as análises frankfurtianas sobre a dialética da modernidade, compreende-se melhor até mesmo aquilo que Adorno ou Horkheimer teriam dificuldade em aceitar, isto é, que um saber sem ilusão é uma pura ilusão. Não existe mito puro, nos diz, aliás, Michel Serres, a não ser o saber puro de todo mito. Fundem-se aí, em conseqüência, a poesia e o mito, o cânone e seu outro (Pasolini, Arguedas, tantos mais), dimensões que, para serem analisadas, passam a requerer novos conceitos operacionais, tais como o sagrado e o profano, o heterogêneo e o homogêneo. Aquilo que se apresenta irreduzível a toda assimilação (o assassino, o louco, o poeta maldito) define-se como heterogêneo. Narra-se nas *vidas infames* de Foucault e pratica-se para além dos marcos da profissão e da disciplina. Por que deveríamos ser probos se Marx viveu de bolsas, Nietzsche ou Kierkegaard se recusaram a atender ao bem comum, Blanqui ou Wilde foram confinados a uma cela e Maiakovski ou Benjamin encontraram a via ao exterior no suicídio? Contra a economia do dom, heterogênea, abre-se, pelo contrário, em todos esses casos, como pano de fundo, a sociedade homogênea, de intercâmbio e acumulação, para a qual toda a heterogeneidade se transforma em subversão.

Tais princípios de heterogeneidade (postulados por Bataille e Leiris, retomados pelo estruturalismo francês de *Tel Quel* e o pós-estruturalismo norte-americano de *October*, ou ainda por nossos Hélio Oiticica ou Lygia Clark) arrancam a arte do isolamento autoconfiante e da satisfação indulgente. A literatura não é, não pode ser, uma releitura de burguesia ou distinção. A literatura situa-se, portanto, para além de uma simples recondução, populista e redistributiva, dos bens simbólicos mas, ao mesmo tempo, posta-se, ainda, para além do refúgio onde se acoberta e monopoliza toda distinção social.

A literatura comparada depende, visceralmente, do desenvolvimento de lutas mais amplas daí que o fim da guerra fria em 1989 tenha ferido seu estatuto universalista e afete, em conseqüência, o estudo da arte e da literatura. A *pax americana* que se segue às conspirações de 1950-80 apresenta, com efeito, um novo avatar da guerra: a luta por megafusões.

Tomando nossa região como contexto, creio poder aventar uma primeira onda de luta e guerra, a do Paraguai, que, em cada tradição

nacional envolvida, profissionaliza os exércitos e politiza as forças armadas, cunhando até o gentílico regional: barriga-verde. A ela se segue uma segunda guerra ou onda de modernização, protagonizada dessa vez pelo capitão de indústrias (o Venceslau Pietro Pietra, Cicillo Matarazzo, os Civita) que capitaliza para si, dissolvendo-a, a sociedade produzida pela onda precedente. A primeira onda guerreira declarou uma tríplice aliança, uma lei comum para os países da região. A guerra da modernização industrial cinde-os e, em consequência, os separa, estimulando a concorrência entre si, porém, eufemizando também a acumulação e, para tanto, lança mão do perigo externo e de todos os fantasmas do contágio por contato. É a guerra antropofágica (*tupy or not tupy*) degradada, muitas vezes, a clichê eufórico; é a guerra dos valentes suburbanos de Borges ou das transculturações narrativas modernistas de Guimarães Rosa. O período pós-ditadura, no entanto, simula ter ultrapassado esses conflitos, harmonizados agora sob uma espécie peculiar de *pax latino-americana*, o regime de intercâmbios do Mercosul. É necessário, porém, mais do que nunca, interpretar o período atual como modulação diferencial da guerra nômade. Trata-se da passagem do mercado de bens para o mercado de capitais (daí as entidades bancárias e financeiras liderarem o novo processo de megafusões). Como a renda dos investimentos a longo prazo é menor do que o lucro que se obtém com as aplicações a curto prazo, a própria fusão estratégica do capital monetário aparece agora subordinada à fusão estratégica do capital fictício. A poesia e o mito, eis a chave dos príncipes da moeda e suas engenharias geopolíticas.

A poesia, nos disse Mallarmé, remunera os defeitos das línguas. Na guerra simbólica, a literatura comparada visa remunerar os defeitos das particularidades. Para tanto, busca ir além do particular regional ou nacional, tendo que lutar agora com a emergência de novos saberes, via de regra, comprometidos com o investimento a curto prazo, empenhados eles mesmos em ultrapassar o próprio conceito de universal. São os estudos da cultura, já praticados na Inglaterra pauperizada pelo fim do colonialismo mas globalizados, irreversivelmente, pela nova ordem mundial.

Nas páginas que seguem tentamos reunir um mostruário de tendências a repensar essas questões sob uma particular visão latino-americana, certos de que essa região supra-nacional é a primeira maneira de ultrapassar o estatuto colonial e de, ao mesmo tempo, construir um multiculturalismo específico. Confiamos no debate que elas possam suscitar.

